

BR engole PT. Portugueses ficam com um décimo da nova operadora

Activos portugueses vão ser integrados na operadora cuja sede será no Rio de Janeiro. GES e CGD com menos de 4% da nova empresa

FILIPE PAIVA CARDOSO
filipe.cardoso@ionline.pt

Depois de mudar o nome ao Pavilhão Atlântico e a uma estação de Metro em Lisboa, a PT mudou de nacionalidade e passou a ser brasileira.

A maioria dos accionistas portugueses da empresa foram lestos em aplaudir a integração dos activos da PT na operadora brasileira Oi – mais não seja porque viram as acções da PT valorizar quase 7%. Mas, do ponto de vista do retorno para a economia portuguesa – retenção de lucros, receita fiscal ou investimento no país – e do potencial a médio prazo para estes mesmos accionistas, está longe de ser certo que a aposta corra bem.

“A partir de agora temos que fazer bem à primeira”, disse mesmo Zeinal Bava. Afinal, falamos de mais um “centro de decisão nacional” criado com a ajuda do poder político que foge do país [págs. 22/23] e que vai ser absorvido por uma operadora endividada, com os activos portugueses a “viajarem” para lá do Atlântico. Mas a diluição da presença portuguesa na operadora conhecida como Portugal Telecom, a redução da percentagem dos lucros que ficam no país, as decisões mais importantes sobre os negó-

cios do Meo ou TMN a serem tomadas no Rio de Janeiro, a “adaptação” do nível de investimentos em Portugal... são alguns dos efeitos da absorção da PT pela brasileira Oi, ontem anunciada.

ACCIONISTAS DA OI FICAM COM 62% O avanço da operação vai fazer com que o peso dos accionistas portugueses da PT fique muito diluído na nova empresa – por ora baptizada CorpCo. O bloco constituído por Grupo Espírito Santo (GES), Ongoing, Caixa Geral de Depósitos, Visabeira e Controlinveste, que hoje detém 31,39% da PT, deverão ver-se reduzido a uma fatia de 11,9% dos votos da nova empresa.

A diluição do peso português no novo grupo fica mais evidente se olharmos individualmente para cada accionista: o GES, hoje o maior accionista da PT com 10,12%, poderá ficar com uma participação de 3,8% na CorpCo, quase idêntica à da Ongoing. A CGD terá 2,3% dos direitos de voto, a Visabeira e a Controlinveste terão 1% e 0,86%, respectivamente. As contas do i tiveram por base o rácio avançado pela Oi e PT. Zeinal Bava, CEO da Oi, explicitou ontem em teleconferência que os accionistas da PT “ficariam com 38% da nova empresa”, com o “remane-

cente 62%” a ficar nas mãos “dos accionistas que hoje estão na Oi”. O peso dos accionistas portugueses na tomada de decisões vai, assim, diminuir. Apesar da administração proposta para a nova empresa contar com representantes dos investidores nacionais [em baixo], quando esse mandato terminar, e dado o seu peso diminuto na estrutura, poderá ser difícil reterem os mesmos lugares.

DÍVIDAS COMEM DIVIDENDOS O grupo de investidores portugueses da PT, porém, já se habituou nos últimos anos a abdicar de ganhos em prol da aposta no Brasil – que levou a PT a pagar 3,6 mil milhões de euros por 25,6% da Oi. É que mesmo

Investidores portugueses continuam a pagar deterioração da situação do grupo. Dividendos caem ainda mais a pique

Ex-Portugal Telecom vai ser gerida a partir do Rio de Janeiro. Accionistas portugueses ficam com 11% da nova operadora

Em resumo

Principais pontos da absorção da PT pela Oi

Sinergias de 1,8 mil milhões de euros e sede no Brasil

A Oi e a PT, no projecto de fusão, calculam as sinergias potenciais da mesma em 1,8 mil milhões de euros. Como a operação, em termos práticos, passa pela integração da empresa portuguesa na operadora brasileira, o edifício que hoje já serve de sede para a Oi será a sede da nova operadora. Ou seja, a PT vai para o Rio de Janeiro.

38%

Com a absorção da PT pela Oi, os accionistas do grupo PT deverão ficar com 38,1% do capital da nova operadora. Os restantes cerca de 62% ficam nas mãos dos investidores da Oi. O projecto refere, aliás, que se os accionistas da PT ficarem com mais de 39,6% a operação é suspensa.

“Considerando aumento de capital de 2,7 mil milhões de euros, a dívida líquida [da empresa que resulta da fusão] será de 13,7 mil milhões de euros”

COMUNICADO DA PT SOBRE FUSÃO

Fusão só foi acordada depois de aceite novo CA

O projecto de integração aponta já o futuro conselho de administração da operadora que resulta da fusão. Além da presença de Bava como CEO, Granadeiro será o vice-chairman. Dos portugueses da PT, ficam Morais Pires e José Ricciardi (BES) e Nuno Vasconcellos e Rafael Mora (Ongoing). A estes juntam-se cinco gestores brasileiros.